

Artigo | Dossiê História Oral: experiências, trajetórias e percursos de pesquisa

“Na educação física a gente não faltava”: experiências na escola do primeiro corpo docente da ESEFPA

Carmen Lilia da Cunha Faro, Universidade do Estado do Pará   

Coriolano Pereira da Rocha Júnior, Universidade Federal da Bahia   

Palavras-chave:

educação física;
história oral;
ESEFPA

Resumo. O objetivo desta pesquisa foi identificar as experiências escolares dos primeiros docentes da Escola Superior de Educação Física relacionadas à disciplina Educação Física, desde o ensino primário até o ensino secundário. Para tanto, recorreu-se às fontes orais, obtidas por meio de entrevistas realizadas com quatro professores, tendo por base os pressupostos teórico-metodológicos da História Oral. A partir das interpretações das memórias dos professores, foi possível reconstruir fragmentos da história da disciplina Educação Física no âmbito de escolas paraenses, nas décadas de 1950 e 1960, relacionados a quem ministrava as aulas, aos conhecimentos da Educação Física a época e aos métodos aplicados nas aulas. Destaca-se que a História Oral contribuiu, de maneira significativa, para a construção desta pesquisa e, desse modo, possibilitou apresentar essas narrativas, as quais, dificilmente, seriam conhecidas sem essa intermediação.

Keywords:

physical
education;
oral history;
ESEFPA

[EN] “We didn't skip the physical education class”: experiences in the School of the First Teaching Staff of ESEFPA

Abstract. This research aimed to identify the school experiences of the first teachers at the School of Physical Education (ESEFPA) related to the subject of Physical Education, from primary to secondary education. To achieve this, oral sources were used, obtained through interviews with four teachers, based on the theoretical-methodological principles of Oral History. From the interpretations of the teachers' memories, it was possible to reconstruct fragments of the history of Physical Education in schools in the state of Pará during the 1950s and 1960s, related to who taught the classes, the knowledge of Physical Education at the time, and the methods applied in the lessons. It is noteworthy that Oral History contributed significantly to the development of this research and, in this way, enabled the presentation of these narratives, which would hardly be known without such mediation.

Palabras clave

educación física;
historia oral;
ESEFPA

[ES] “A educación física no faltábamos”: experiencias en la escuela del primer cuerpo docente de la ESEFPA

Resumen. El objetivo de la investigación fue identificar las experiencias escolares de los primeros docentes de la Escuela Superior de Educación Física (ESEFPA) relacionadas con la asignatura de educación física, desde la educación primaria hasta la secundaria. Para ello, se recurrió a fuentes orales, obtenidas a través de entrevistas realizadas a cuatro profesores, basadas en los supuestos teórico-metodológicos de la historia oral. A partir de las interpretaciones de las memorias de los docentes, fue posible reconstruir fragmentos de la historia de la educación física en las escuelas del estado de Pará, durante las décadas de 1950 y 1960. Estos fragmentos están relacionados con quién impartía las asignaturas, los conocimientos de la educación física de la época y los métodos aplicados en las clases. Cabe destacar que la historia oral contribuyó de manera significativa a la construcción de esta investigación y, de este modo, permitió presentar estas narrativas, que difícilmente serían conocidas sin esta intermediación.

Introdução

A pergunta central que norteou a escritura desta pesquisa foi a seguinte: quais experiências relacionadas à Educação Física vivenciaram os primeiros docentes da Escola Superior de Educação Física do Pará (ESEFPA), quando estudavam no ensino primário até o ensino secundário?

Na busca dessa resposta, o nosso objetivo é identificar as experiências escolares dos primeiros docentes da ESEFPA referentes à Educação Física, desde o ensino primário até o ensino secundário. Para tanto, recorremos às fontes orais, obtidas por meio de entrevistas realizadas com quatro professores: Armando Alcântara Von-Grap, Alberto Duarte de Oliveira, Eni do Perpétuo Socorro Corrêa e Vera Nazaré Cardoso de Souza, que fizeram parte do primeiro corpo docente da ESEFPA e que foram bolsistas, na década de 1960, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), da Universidade do Brasil (UB). A ENEFD, vale destacar, foi a primeira Escola de Educação Física do país responsável pela formação civil, em nível superior, de profissionais na área da Educação Física associada a uma universidade (Figueiredo, 2016; Azevedo, 2013), a qual trouxe a incumbência e a competência de introduzir, em caráter civil, o primeiro curso de Licenciatura em Educação Física em terras brasileiras.

Para realizar as entrevistas com os professores, recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral, tendo por base os estudos de Alberti (1989, 2004, 2013) e Meihy (1996), Meihy e Ribeiro (2011) e Meihy e Seawright (2020). A entrevista na História Oral, segundo Alberti (2004, p. 34), é:

[...] ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista. Com uma diferença, é claro: enquanto na autobiografia há apenas um autor, na entrevista de história oral há no mínimo dois autores - o entrevistado e o entrevistador. Mesmo que o entrevistador fale pouco para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte do seu próprio relato - científico, acadêmico, político etc. - sobre ações passadas e também de suas ações.

Assim, as entrevistas não são somente relatos de ações passadas, mas resíduos dessas ações. Nessa perspectiva, configuram uma possibilidade de documentar as ações de constituição de memórias que o entrevistado e o entrevistador pretendem estar desencadeando ao construir o passado de uma forma e não de outra (Alberti, 2004).

A partir das ideias de Meihy e Seawright (2020, p. 27), entendemos a História Oral como “[...] um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas”. Nesta pesquisa, trabalhamos, especificamente, com a modalidade da História Oral Temática, “[...] com ênfase não necessariamente sobre a totalidade da vida, mas sobre a informação que ajuda a explorar o tema que motiva a pesquisa” (Andrade; Almeida, 2019, p. 31).

Além disso, no caso deste trabalho, a História Oral não foi utilizada para preencher as lacunas não reveladas pelos documentos existentes, mas, sim, por ser de imensa potencialidade no sentido de elaborar outras versões históricas.

A maneira que escolhemos para capturar as memórias dos docentes deu-se a partir de entrevistas semiestruturadas, partindo de um roteiro pré-estabelecido, que, em sua aplicação, o entrevistador dispõe da possibilidade de formular outras perguntas, conforme o teor da narrativa do entrevistado (Marcondes; Teixeira; Oliveira, 2010).

Depois de gravadas, as entrevistas foram transcritas e tratadas por meio da conferência de fidelidade (Alberti, 1989). Em seguida, a escrita do texto entrecruzou-se com a articulação entre as orientações teóricas escolhidas. A partir dos dados fornecidos pelas entrevistas, no que foi dito e no que não se quis dizer, pudemos observar como cada professor selecionou e organizou a própria fala, de maneira a conceber a imagem que desejou mostrar.

À vista disso, a partir das fontes orais, apontamos as experiências que os primeiros docentes da ESEFPA tiveram nas aulas de Educação Física na escola primária, ginásial e secundária. Destacamos, ainda, a presença, ou não, da Educação Física na escola, os professores que ministravam as atividades, os conhecimentos vivenciados e os métodos adotados. Esses aspectos serão esmiuçados a seguir.

Memórias da Educação Física em escolas primárias e secundárias de Belém do Pará nas décadas de 1950 e 1960

Para construção deste momento, valemo-nos dos depoimentos dos docentes, que relembram sobre as suas experiências com a Educação Física, desde o primário até o secundário. De antemão, ressaltamos que os professores também se remeteram às experiências fora da escola, embora isso não tenha sido perguntado diretamente. Sublinhamos que, depois das entrevistas, no decurso da transcrição, da leitura e da interpretação dos textos, identificamos a existência de material sobressalente, menção a fatos não perguntados, bem como digressões e retificações. Desse modo, é importante assinalar que compete ao pesquisador recortar, selecionar e priorizar determinados excertos das entrevistas, que “[...] daquele texto resultante do diálogo serão retirados alguns discursos de acordo com os objetivos do estudo em questão” (Selles; Santos, 2019, p. 81).

De acordo com Bosi (1994), as memórias vêm à tona a partir de um mergulho nas raízes da história vivida. Assim fizeram os participantes desta pesquisa, ao rememorarem acerca da presença da Educação Física na escola.

Concebemos o sentido da escola como “lugar de memória” (Nora, 1993) e focamos uma perspectiva histórica construída com as fontes orais que participaram da constituição dessa história. Ao serem perguntados sobre essas experiências, lembram, cada um ao seu modo, dos seus professores, o que vivenciaram e como vivenciaram, conforme será abordado adiante.

A presença da Educação Física

Nas lembranças sobre a presença da Educação Física no ensino primário e secundário, dos quatro docentes, o professor Alberto Duarte de Oliveira recorda que não havia aula ou horário estabelecido para essa atividade no ensino primário. Esse docente, no entanto, revela a presença de um determinado professor e expõe o que e como faziam. Nas palavras dele:

No primário, na Escola Agrícola do Outeiro, não tinha Educação Física. Meu professor de Educação Física era bem idoso [...] sem querer eu me desenvolvi por minha conta mesmo, porque não tinha aula de Educação Física, um horário, não existia praticamente. Como eu te falei, eu estudava o curso ginásial na Escola Agrícola e lá era só bola que jogavam e meu joanete me acabava. Quando não tinha uma ou duas aulas na semana, fazíamos tarefas relacionadas à limpeza da escola e o resto do tempo era bola e todo mundo criticava, porque nós tínhamos de 8h às 11h, que era o período de aula, mas a gente só estudava de 8h às 9h, no máximo, e sobrava duas horas pra ir ao futebol, mas fui me esquivando de futebol, porque não conseguia jogar, era ruim, e comecei a ficar de fora, comecei a brincar, a saltar, brincar na caixinha de salto e, depois, lá no terceiro ano, comecei a brincar de correr no campo (Oliveira, 2019).

O professor Alberto também não considerava como aula de Educação Física os treinamentos de modalidades esportivas, que seriam disputadas nos Jogos Paraenses Ginásio-Colegiais (Jopagicos), pois, para ele, esta não era sistematizada da mesma forma que as outras aulas, isto é, com turma e horário definido. Para esse docente, era preciso, ainda, que a aula, para ser considerada de Educação Física, contemplasse o ensino de exercícios físicos, conforme relata:

No terceiro ano, já me destacava (no esporte), tanto que eles iam no trabalho, me pegavam na televisão (local de trabalho do professor), vinham me deixar, sabe? Então fiquei meio envolvido (com os treinamentos para os JOPAGICOS), mas até por aí não tinha aula de Educação Física no secundário, de ir para uma turma e fazer exercícios.

O depoimento do professor fornece-nos pistas para percebermos que, naquele momento, a Educação Física, no Colégio Estadual Magalhães Barata, era suspensa e substituída pelo treinamento das equipes que participavam dos Jopagicos e das demonstrações de ginástica. Isso se coaduna com a afirmação de Betti (1991, p. 92), que nos chama a atenção quanto ao fato de que, nesse período, aconteceu, a nível nacional, “[...] a suspensão das atividades escolares para participações em competições esportivas e demonstrações de Educação Física”.

Todos os outros três professores recordam e reiteram que tiveram experiências com a Educação Física na escola primária e secundária. Ressaltamos que o tempo histórico lembrado pelos professores data do período compreendido entre as décadas de 1950 e 1960, aproximadamente. Na década de 1960, a Educação Física estava consolidando-se, sendo obrigatória no ensino primário e médio, mediante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Betti, 1991), como bem reforçado no depoimento da professora Eni do Perpétuo Socorro Corrêa (2019), ao recordar ter cumprido todo o seu primário no Instituto Suíço-Brasileiro, durante cinco anos: “Era obrigatória a Educação Física, pois fazia parte do currículo”.

Embora houvesse obrigatoriedade, desde 1882, para a prática de exercícios físicos na escola primária, essa exigência não era cumprida, efetivamente, na maioria dos estados brasileiros, pois era praticamente inexistente (Costa, 1971).

Dos entrevistados, o professor Armando Alcântara Von-Grap, que cursou o primário no Grupo Escolar Justo Chermont, afirma que, raramente, existiam aulas de Educação Física. Já no Colégio Estadual Paes de Carvalho, no qual fez o ensino secundário, o professor lembra que eram obrigatórias as

atividades de Educação Física. No seu relato, o professor rememora a sua vivência com a Educação Física:

Quando eu frequentava o curso primário, não existia Educação Física nos grupos e nos colégios [...] No Colégio Paes de Carvalho, onde estudei todas as séries, eu frequentei as aulas que eram realizadas pela manhã ou à tarde, dependendo do horário das aulas (Von-Grap, 2020).

A professora Vera Nazaré Cardoso de Souza, por sua vez, não revela, diretamente, se havia, ou não, aula de Educação Física, mas se reporta às diversas experiências no Grupo Escolar Dr. Freitas e no Instituto de Educação do Pará (IEP, antiga Escola Normal), destacando o fato de, nessa primeira instituição, ter começado a praticar “Atividades Naturais”, ou seja, atividades fundamentadas no Método Natural Austríaco¹: “E lá então eu comecei a praticar atividades naturais” (Souza, 2019).

Quem ministrava as aulas

Quanto aos professores que ministravam as aulas/atividades de Educação Física, na década de 1950 e 1960, os docentes lembram de todos com carinho e admiração.

O professor Alberto Duarte de Oliveira não cita o nome do seu professor no primário, mas lembra do professor do Colégio Estadual Magalhães Barata (Secundário) e diz que “[...] no Colégio Magalhães Barata tinha um professor de Educação Física, o Barata, que trabalhava com a Judith (Poltronieri

¹ De acordo com Oliveira (2010), o Método Natural Austríaco foi introduzido no Brasil pelo professor Gerhard Schmidt. As suas origens remontam ao período pós I Guerra Mundial. O mencionado autor afirma que esse método combatia a formalidade que caracterizava a ginástica da época, promovendo a naturalidade, a liberdade de expressão e as preocupações de natureza pedagógica. O seu esquema de aula quase não diferenciava da ginástica moderna e era dividido da seguinte forma: animação (motivação), escola de movimentos e postura, habilidade e aplicação desportiva e volta à calma (Oliveira, 2010). Segundo o mencionado autor, podemos afirmar que, até os anos de 1950, “[...] Schimdt foi que mais contribuiu no campo da metodologia da educação física escolar brasileira” (Oliveira, 2010, p. 106).

Lopes) e com a Maria José (Santana), que eram professoras não licenciadas, mas já davam aulas”.

Da mesma maneira, o professor Armando Alcântara Von-Grap recorda dos docentes no Colégio Estadual Paes de Carvalho, apontando os professores Virginio Ferreira e Clemente Ferreira como os habilitados por cursos práticos. O depoimento, a seguir, delinea isso:

[...] o professor titular era o professor Virginio Ferreira, muito conhecido em Belém. Ele, como já estava numa certa idade, deixou o filho dele, o Clemente Ferreira, tomar conta das aulas de Educação Física. Os dois professores de Educação Física, pai e filho, eram portadores de cursos práticos, pois não existia, no Estado, Escola de Educação Física. O professor Virginio Ferreira demonstrava muitos conhecimentos sobre as matérias adquiridas em (cursos realizados em) outros estados brasileiros (Von-Grap, 2020).

Ambos os professores trazem à tona a formação dos sujeitos que ministram as aulas de Educação Física naquele momento, pois, em vários estados do país, inclusive no Pará, não havia cursos de formação de professores de Educação Física em nível superior e, dessa maneira, “[...] cumpria-se a obrigatoriedade de Educação Física mediante a atuação dos leigos” (Menezes, 1998, p. 161).

No contexto paraense, os cursos de formação de professores, nas décadas de 1950 e 1960, promoviam aperfeiçoamento para os docentes leigos que ministram aulas nesse período, a exemplo dos realizados pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades), pela Divisão de Educação Física (DEF) do Ministério da Educação e Cultura (MEC), pelo Serviço de Educação Física, pelo Departamento de Educação Física, Recreação e Esportes (DEFRE), pela Inspetoria Seccional de Educação Física de Belém e pela Associação dos Professores de Educação Física do Pará (Aprefep). Assinalamos, ainda, que esses professores obteriam formação em outros estados, mediante a participação em jornadas, estágios e cursos.

A docente Eni do Perpétuo Socorro Corrêa destaca que, no primário, no Instituto Suíço-Brasileiro, durante cinco anos, teve o privilégio de ser aluna de

Olga de Gaia Bastos² e de Raimunda Fernandes Albuquerque, a “Dica”³. Ela destaca:

Quando eu falo da minha referência de vida profissional e pessoal, tenho que ressaltar a minha querida Raimunda Albuquerque. Ela me chamava de Socorro. Eu acho que toda essa questão de perfeição de forma, tudo perfeito, veio da ‘Dica’. Uma coisa que ela deixou em mim foi o cuidado pela perfeição do movimento. Os exercícios ocorriam e ela falava ‘estica o braço, mais embaixo’, não era alonga (risos), ‘faça correto’. Ela corrigia muito, muito, muito.

Adocente Eni também rememora as suas professoras de Educação Física na Escola Normal:

[...] fui prestar o concurso de admissão para fazer o Instituto de Educação do Pará, antiga Escola Normal, e passei. Fiz os quatro anos ginásiais e os três anos pedagógicos [...] lá eu estive com as professoras Sônia Costa, Joana D’arc de Oliveira, Ieda e ainda tinha outra, bem mais antiga, a Celita.

Vera, por sua vez, não recordou de suas professoras do Grupo Escolar Pinto Marques, onde estudou o primário, mas lembrou daquelas que lecionavam ginástica no IEP (antiga Escola Normal⁴), instituição em que cursou o ensino secundário e se formou no magistério⁵, reportando-se às professoras Sônia

² Olga de Gaia Bastos foi uma das 25 professoras formadas pelo Curso Normal de Educação Física da Escola Paraense de Educação Física, em 21 de março de 1943.

³ Raimunda Fernandes Albuquerque, que era também conhecida como professora “Dica”, começou os seus estudos no Grupo Escolar Dr. Freitas, onde estudou o primário. Posteriormente, na Escola Normal, ingressou nos cursos ginásial e normal e se formou em 21 de abril de 1942. No ano seguinte, concluiu o Curso de Educação Física, em 21 de março de 1943, pela Escola de Educação Física do Pará. Sua vida profissional começou aos 11 anos, como auxiliar da professora Lucy e, aos 22 anos, foi nomeada como professora primária na cidade de Santarém, onde passou um ano. Em 1945, retornou a Belém-PA e continuou como professora de Educação Física no Grupo Escolar Dr. Freitas. Foi diretora do Departamento de Educação Física, Recreação e Esportes (DEFRE), depois, Núcleo de Educação Física (NEF), Departamento Educacional de Educação Física do Pará (DEAF/SEDUC), hoje conhecido como Núcleo de Esporte e Lazer (NEL/SEDUC).

⁴ Segundo França (2017), em 28 de agosto de 1946 a Escola Normal passou a se chamar Instituto Paraense de Educação. Cinco meses depois, mais precisamente em 24 de janeiro de 1947, recebeu a denominação de Instituto de Educação do Pará – IEP.

⁵ Na década de 1950, egressos do Curso de Professor Primário da Escola Normal poderiam contribuir como Auxiliares no Ensino da Educação Física na escola primária, tendo como

Guimarães da Costa e Ieda Nazaré Duarte: “No IEP, na parte da ginástica, eu acho que as professoras da época eram as professoras Sônia Guimarães da Costa e a Ieda, não lembro o sobrenome”.

O que vivenciaram

A partir das memórias dos professores com a Educação Física na escola, fluíram experiências concretas relacionadas aos esportes, ginástica e jogos. Essas práticas eram amplamente divulgadas na Educação Física brasileira da época (Oliveira, 2010) e, no caso desta pesquisa, marcaram a infância e a adolescência dos professores entrevistados.

No que diz respeito aos conhecimentos que os professores experienciaram sobre a Educação Física, podemos demarcar os diferentes esportes praticados, como: arco e flecha, futebol, voleibol, basquetebol, atletismo (corridas, salto em altura - na época chamado de “pula-pau” pela professora “Dica” -, salto em distância), jogos (queimada e “mãe de barra”) e ginástica. Foram relatadas as vivências escolares com essas atividades, conforme podemos verificar nas falas a seguir:

O que se usava na época muito era o bastão, que era parte da calistenia, e atividades esportivas, como o vôlei, queimada, a gente chamava de cemitério. No Dr. Freitas nós não tínhamos essas atividades, a não ser antes do período da demonstração que era setembro, a gente começava a ensaiar para as demonstrações de campo [...] no primário praticamente era jogo de bola, atividade da infância da gente, a cultura do povo, ensaio de quadrilha [...] O que me chamou atenção na Educação Física, no ensino primário, era a ginástica de campo, os exercícios localizados, a calistenia, hoje em dia identifico assim. No IEP, os jogos, a parte dos desportos, o vôlei, o basquete. Mais o basquete, porque eu nunca fui chegada em voleibol (Souza, 2019).

No primário, na Escola Agrícola de Outeiro [...] ainda era um pouquinho a lei do mais forte. A turma queria futebol todo tempo e eu nunca fui bom de futebol [...] eu ficava brincando no campo de futebol, pois lá tinha uma caixinha de salto em

critério para atuação apenas um desempenho satisfatório (aproveitamento superior a 60%) na disciplina Educação Física, Recreação e Jogos, deste curso.

distância [...]. Então eu não jogava bola, mas comecei a brincar de correr, sozinho mesmo. Tanto que quando eu estava no último ano ganhei a minha primeira corrida (Oliveira, 2019).

Quando eu frequentava as aulas de Educação Física no Colégio Paes de Carvalho, eu me dispunha a realizar todas as tarefas que o professor exigia. As tarefas eram corridas (pequenas, no ambiente pequeno), pulos (diversos), futebol e outras tarefas criadas pelo professor. Tinha ginástica e esporte em geral (Von-Grap, 2020).

Eu te ressalto que a gente já fazia atletismo com ela, o tal do 'pulapau' que era um sarrafo com dois postes, quer dizer, a gente praticava atletismo [...] minha turma gostava muito de jogos, jogávamos 'mãe de barra', uma porção de atividades que a gente jogava. Na Educação Física a gente não faltava e foi lá que eu conheci a Ginástica Moderna (Corrêa, 2019).

Registraramos que, nas aulas de Educação Física da época, começaram a aparecer outros tipos de ginástica, como, por exemplo, a Ginástica Moderna. Vários professores, nesse período, adquiriam conhecimentos para ministrar aula de Ginástica Moderna, mediante cursos intensivos que ocorriam no Pará e em outros estados brasileiros.

Nessa época, foram convidados, para vir ao Brasil, estudiosos de Educação Física e de ginástica para ministrar cursos aos professores brasileiros. Enfatizamos os nomes de Margareth Froelich, da Áustria, e Ilona Peuker, austro-húngara, que lecionaram aulas sobre Ginástica Moderna (Nedialcova; Barros, 1999), primórdio da atual Ginástica Rítmica⁶. Essas iniciativas contribuíram para a divulgação e o aprendizado dessa modalidade pelo país.

Em conformidade com Peuker (1974), a Ginástica Moderna foi divulgada, no início da década de 1950, por intermédio dos cursos intensivos para professores de Educação Física em vários estados brasileiros, passando, com isso, a ser lecionada nas escolas primárias e secundárias. Além dos cursos, a Ginástica Moderna foi também introduzida nas demonstrações de ginástica no nível escolar, como também nos campeonatos realizados com a participação de

⁶ Variada terminologia: Ginástica Moderna (1963); Ginástica Feminina Moderna e Ginástica Rítmica Moderna (1972); Ginástica Rítmica Desportiva (1975) e Ginástica Rítmica (1998) - conferir em Gaio (2007).

colégios e escolas, como os Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's). Foi um momento, no ensino secundário brasileiro, no qual a ginástica estava sendo disseminada pelo país (Lourdes, 2007).

Relembramos, ainda, que diversas foram as professoras protagonistas e disseminadoras de Ginástica Moderna no ensino secundário paraense, como Celita, Sônia Guimarães da Costa, Ieda Nazaré Duarte, Maria Ribeiro Vaz da Silva e Joana D'Arc de Oliveira, que participavam dos cursos de aperfeiçoamento e atualização em Educação Física, nas décadas de 1950 e 1960, estando, dessa forma, envolvidas nas propostas de desenvolvimento da Educação Física no Brasil. A Ginástica Moderna era apresentada nas demonstrações de campo realizadas na abertura dos Jopagicos. Assim, relembra Eni:

A gente participava muito das demonstrações dos Jogos Paraenses Ginásio-Colegiais [...] e toda essa vivência de Ginástica Feminina Moderna acontecia nas aulas de Educação Física e nas exibições das festas cívicas, ou seja, na abertura da Semana da Pátria que, também, coincidia com a abertura dos JOPAGICOS.

A professora Vera também rememora a sua participação nas demonstrações de ginástica nas aulas de Educação Física na escola, relatando:

Faziam aquelas demonstrações de campo, não recordo os professores que eram. Eu me lembro que eu era guia que ficava em cima da mesa e lá as outras meninas olhavam, não sei se recordas como era antigamente essas atividades do grupo escolar [...] talvez (as professoras de Educação Física) me conhecessem do grupo escolar, então me colocavam na parte de execução das demonstrações.

Já o docente Alberto recorda o seu envolvimento com o esporte/atletismo, desde os 14 anos, nas competições que participou. Representando a Escola Agrícola Manoel Barata (Outeiro/PA), vivenciou a sua primeira competição esportiva nessa modalidade. O relato abaixo retrata a sua experiência com o atletismo durante uma corrida de rua, em meados da década de 1950:

[...] lá foi meu primeiro contato com o atletismo, porque quando o professor faltava, geralmente, nós ficávamos a manhã inteira livre e eu gostava de correr no tempo livre [...]. De manhã cedo eu me levantava e começava correr. Teve uma corrida de rua que ia da Escola Agrícola até a praia de Outeiro e quase todos os alunos da escola participaram [...]. Só entendi que ia ganhar essa competição quando estavam faltando uns 300 metros. Estava na frente correndo e o restante dos colegas andando. Depois eu entendi por que ganhei a corrida: todo dia eu corria, corria e corria [...]. Ganhei a primeira corrida da minha vida. Foi uma frustração, porque a premiação era para ser dada por um comerciante do bairro, mas ele não compareceu e ficou para depois.

Como visto, o fato de Alberto dispor de tempo livre para “brincar na caixinha de salto” dava-se por um dos dois motivos: os professores faltavam ou as aulas terminavam mais cedo que o previsto. Desse modo, a sua turma aproveitava para jogar futebol, embora ele não gostasse e o seu joanete não permitisse – por isso aproveitava o tempo livre para correr em volta do campo de futebol da escola e praticar saltos. Por conta disso, como conta, “sem querer”, desenvolveu-se no Atletismo.

Depois da Escola Agrícola Manoel Barata (Outeiro/PA), o professor foi estudar no Colégio Estadual Magalhães Barata no qual foi estimulado por vários docentes a participar das demonstrações da abertura dos Jopágicos e da equipe de atletismo, que representava o colégio. Ao participar da equipe, aprimorou o que já estava praticando, como ele mesmo lembra:

Eu gostava muito de esporte. Eu participava das demonstrações para abertura dos Jopágicos, fazia piruetas, cambalhotas [...] no secundário comecei a me envolver, comecei a brincar de treinar, era eu mesmo que me treinava. Tinha ajuda da Maria José e da Judith, elas me davam uma força. E o Barata que foi o professor que me marcou, ele me botou no circuito dos Jopágicos e do Clube do Remo, mas nunca fui treinado por ninguém. Competi pelo Magalhães Barata nos Jopágicos todos os anos. No terceiro ano, eu já me destacava. Como ninguém treinava em lugar nenhum, você começa a aparecer. Era o tempo em que o Pelé⁷ e o Lobato com seus irmãos eram as estrelas do atletismo. Eles eram ‘fera’ correndo. Ainda não era assim relacionado com

⁷ Ronaldo Estevão Lobato, conhecido como Pelé, foi um atleta paraense de destaque nacional nos saltos em distância e salto triplo, tendo representado o Brasil nas Universidades.

nenhum deles. Eu gostava de ver os três correndo. Eu já corria 300 metros com barreira, treinava por minha conta mesmo, sem ter noção de treinamento, só de tentar fazer, fazer, fazer [...] então, inclusive arranjei um sapato de prego, mas acho que foi o Barata que me deu, o Barata sempre me deu força.

Nesse contexto, Eni também relata que sempre participava dos Jopagicos, e, por ter sido uma praticante de esporte, detalha, ainda, as suas experiências esportivas no Clube do Remo. Além disso, fala sobre a inexistência de ensino e treinamento de algumas práticas esportivas no colégio:

Olha, vou te contar uma piada, num dos jogos, a Sônia Guimarães da Costa e a Joana D'Arc pediram para eu participar nos JOPAGICOS. A gente fazia de tudo. Lembro que num dos jogos tinha que preencher a equipe do arco e flecha, porque a participação nas modalidades marcava ponto para o Colégio. Eu nunca tinha pegado num arco e flecha (risos), 'Eni, tu vais?', eu disse 'Vou, não tem problema'. Eu fui, peguei esse arco e flecha e até hoje não sabem onde está a flecha (risos) [...] gostaria de falar mais uma coisa, no ginásial, nós, uma turminha de colegas do IEP, quando saímos de lá e íamos para nossas casas, passávamos pelo Clube do Remo. Uma vez paramos lá e perguntamos se nos ensinavam a jogar basquete e vôlei (risos). Tinha um técnico de Pernambuco e perguntamos se podia nos ensinar. E nós fomos para lá 'cara de pau', tínhamos entre 14 e 15 anos, estávamos com tudo, e lá nos ensinaram. Foi lá que aprendi a jogar basquete e vôlei e isso serviu para que a gente fosse auxiliar o IEP nos JOPAGICOS. Nós não tínhamos uma formação esportiva, nós corriamos atrás. Lembrei, me lembrei. Quando era no final de semana, eu estava no Clube do Remo ou no SESC, a Maria José também participava do SESC jogando voleibol e basquetebol. Então nós íamos treinar voleibol e basquete no SESC da Doca de Souza Franco para treinar para os JOPAGICOS. A gente ia lá, pedia a quadra e levava o nosso treinador para treinarmos, entendeu? Eu morava lá perto, me lembro que para chegar lá era difícil porque a Doca de Souza Franco era um lamaçal, era só capim, mas a gente ia treinar. A gente dava muito apoio aos nossos professores em termos de conseguir quadra, técnico. Nossos professores no colégio tinham pouca formação, pouco apoio (Corrêa, 2019).

Vejamos como foi o depoimento da professora Vera, quando discorreu sobre as próprias vivências nos Jopagicos e o seu envolvimento com o basquete:

Eu treinava basquete pelo Paysandu e pelo IEP e, assim, competi pelo IEP nos JOPAGICOS e pelo clube [...] as professoras do IEP pegavam quem tivesse mais tendência para alguma atividade esportiva [...] me escolheram para jogar basquete. Fui ao Paysandu para aprender, aprendi, gostei e acabei ficando no time de basquete feminino do clube (Souza, 2019).

Os Jopagicos constituíram “[...] uma das mais belas manifestações cívico-desportivas da juventude estudantil de nosso Estado [...] de grande valia para o progresso da Educação Física e dos desportos no Pará”⁸. Na década de 1960, esses jogos eram promovidos pelo Defre, da Secretaria de Estado de Educação e Cultura, envolvendo a participação de vários colégios da capital, com atletas de ambos os sexos na abertura, competindo em diferentes modalidades.

O professor Alberto recorda que participava da abertura desses jogos: “Eu gostava muito de esporte. Eu participava das demonstrações para abertura dos Jopagicos [...] ia fazer uma demonstração para a abertura, me chamavam”. Esses jogos, em suas aberturas, sempre contavam com autoridades civis e militares do estado e do município, quase sempre realizados em estádios de futebol e com uma programação que constava do hasteamento das bandeiras, das demonstrações de ginástica, da condução do fogo simbólico, da declaração de abertura, do juramento do atleta-estudante, da execução do hino nacional e, encerrando a programação, o desfile das equipes. A figura 1 apresenta vários momentos da abertura desses jogos.

Os Jopagicos foram eventos esportivos presentes na vida dos sujeitos da pesquisa e de outros professores de Educação Física e técnicos, principalmente daqueles à frente das equipes estudantis. Esses jogos foram fundamentais para o estabelecimento de cursos de formação docente, em meados da década de 1950 e ao longo da década de 1960, que contribuíram para o aprendizado esportivo dos professores que atuavam com as equipes estudantis nos jogos.

⁸ XV jogos paraenses ginásio colegiais tem abertura solene hoje pela manhã. *O Liberal*, Belém, 1 set. 1969. p. 6.

Figura 1 – Abertura dos VII Jopagicos



Fonte: Show [...] (1961, p. 8)⁹.

Segundo os entrevistados, os Jopagicos configuraram espaços, em Belém-PA, para disseminar os esportes. Com essa competição, o esporte foi ganhando destaque dentro e fora da escola.

Como vivenciaram

Ressaltamos que, quando perguntados sobre os métodos que os seus professores utilizavam nas aulas de Educação Física, os docentes entrevistados fizeram referência ao Método Francês, ao Método Sueco, ao Método Calistênico, às atividades esportivas e atividades naturais, além de outras que visavam à integração dos esportes, dos jogos, das brincadeiras e das atividades livres nas sessões de Educação Física escolar, conforme exposto na figura 2, a qual resume as experiências rememoradas na referida disciplina.

⁹ Show de muita graça e esplendor na abertura do VII Jopagicos. *O Liberal*, Belém, 16 ago. 1961. p. 8.

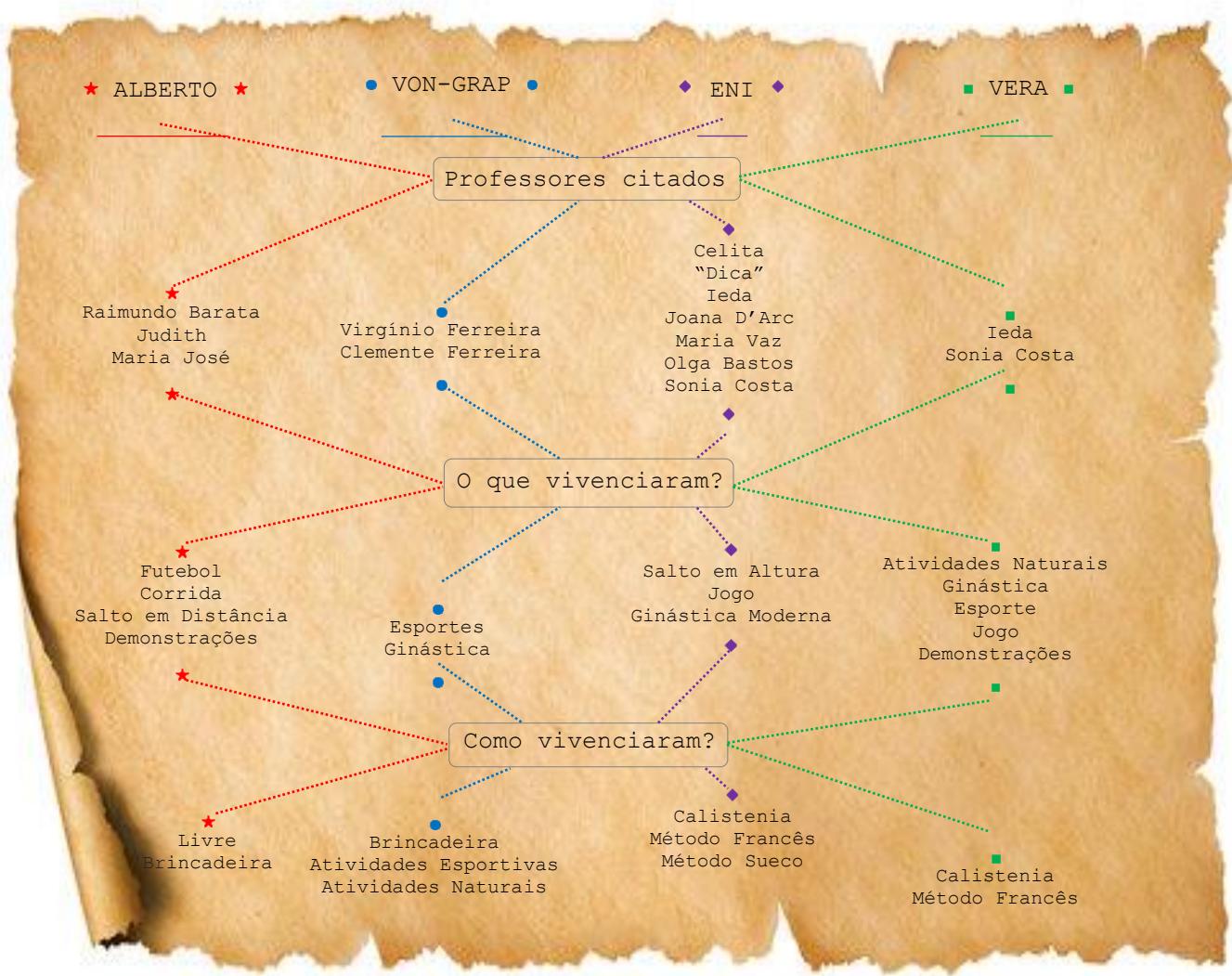
Os cursos, que aconteciam no Pará, durante as décadas de 1950 e 1960, eram importantes propagadores para a disseminação, entre os professores paraenses, dos métodos internacionais de Educação Física. Com a frequência maior de professores nas escolas, os cursos reforçavam as necessidades de se ter um método nas aulas que estavam ministrando.

Com base nas memórias dos sujeitos da pesquisa, apresentamos, nos trechos dos depoimentos a seguir, os métodos que seus professores utilizavam nas escolas paraenses: “[...] o esporte que a gente fazia era livre” (Oliveira, 2019); “[...] as atividades esportivas e atividades de maneira extremamente natural. A Educação Física era utilizada como brincadeira para os alunos participantes das aulas” (Von-Grap, 2020).

Eu acho que era ginástica, eram mais exercícios marcados, assim, digamos, tipo calistenia, método francês. Me lembro que lá na ENEFD nós aprendemos o método natural e o método francês. Eu acredito que era isso que usávamos no IEP (Souza, 2019).

Ainda no meu primário, a professora Raimunda Albuquerque, a ‘Dica’, falava em calistenia e método francês [...] No secundário, era o método francês, método calistênico, método natural, ginástica sueca e ginástica moderna (Corrêa, 2019).

Com base nos depoimentos, foi possível evidenciar alguns métodos presentes nas atividades da Educação Física vivenciadas pelos referidos professores. As apresentações dessas memórias fazem-nos pensar que, de alguma maneira, esses métodos em tempos anteriores foram desenvolvidos e reconhecidos na Educação Física escolar paraense.

Figura 2 - Experiências com a Educação Física na escola

Fonte: Elaboração dos autores.

Salientamos que os professores Von-Grap e Alberto não fizeram referência aos termos Método Natural Austríaco e Educação Física Desportiva Generalizada. Contudo, fez-se necessário pontuarmos sobre esses métodos, que reorientaram a Educação Física brasileira, pois as falas dos docentes se aproximaram de uma metodologia que recorda as temáticas de aulas dos métodos de origem francesa e austríaca, os quais, também, foram divulgados, aceitos e utilizados, no Pará, nos cursos promovidos pela Cades e pela

DEF/MEC, nas décadas de 1950 e 1960. Lembremos que tal “[...] proposta de reorientação da Educação Física brasileira, na década de 1950, não se apresentou como algo que determinou e condicionou a ação de todos os sujeitos envolvidos no debate da área” (Cunha, 2017, p. 153).

No Brasil, os métodos usados eram veiculados, entre outros, pelos seguintes professores estrangeiros: Gehard Schimidt (Método Natural Austríaco), Margareth Froelich (Ginástica Feminina Moderna) e Auguste Listello (Educação Física Desportiva Generalizada). Entretanto, sublinhamos que os métodos, por vezes, não eram utilizados por professores brasileiros, devido às limitações da realidade de cada Estado. Vários professores atuantes nas escolas buscavam alternativas do que acreditavam ser melhor para suas aulas ou o que eles conseguissem trabalhar a partir de suas realidades, como destacado por Villela (1992, p. 23), [...] podemos, então, perceber uma elite dirigente, quase inocente, sempre bem-intencionada, buscando no estrangeiro as melhores ideias que, infelizmente, aqui nunca encontram campo fértil para vingar, devido às limitações da nossa realidade.

No Pará, nas décadas de 1950 e 1960, as temáticas recreação, jogos e brincadeiras eram recorrentes em cursos voltados à formação de professores de Educação Física, conforme consta em publicações de jornais da época¹⁰. Souza Junior (2005) nos adverte, por sua vez, a não nos esquecermos que a Educação Física no ensino primário tinha caráter recreativo.

Considerações finais

No percurso desta pesquisa, a partir das interpretações das memórias dos professores, foi possível reconstruirmos fragmentos da história da Educação Física no ensino primário e secundário paraense, nas décadas de 1950 e 1960. Nessa movimentação, tivemos o privilégio de ouvir suas experiências e conhecer

¹⁰ PREPARANDO professores de educação física. *Folha do Norte*, Belém, 28 jun. 1956. p. 6; CURSO de educação física em Belém. *O Liberal*, Belém, 8 abr. 1958. p. 6; INICIA-SE hoje o curso de especialização em educação física. *O Estado do Pará*. Belém, 16 fev. 1961. p. 5; CURSO de informações de educação física e esportes. *Folha do Norte*, Belém, 30 dez. 1964. p. 5.

mais sobre os percursos individuais dos professores a partir de suas narrativas, pois são sujeitos históricos, ou seja, cheios de história.

As experiências, as recordações e os acontecimentos não foram entendidos *ipsis litteris*, não voltando, ainda, ao estado anterior tal como ocorreu, porque variaram em função do tempo e espaço, devido a determinados fatores em relação ao presente. Cada sujeito construiu a própria história por meio de recordações, não só em função da verossimilhança do que aconteceu, mas também em função das dificuldades, possibilidades, necessidades e expectativas.

As memórias dos professores foram capturadas e registradas mediante a metodologia da História Oral, a partir da realização de entrevistas. Os sujeitos, ao reelaborarem o acontecido, assumiram a influência de uma construção imaginária e suas repercussões. O tempo da memória é uma construção ligada às experiências vividas no passado, atualizado e renovado no tempo presente.

As memórias dos professores possibilitaram a recuperação de fragmentos da história da Educação Física nas décadas de 1950 e 1960. A História Oral contribuiu de maneira significativa para a construção desta pesquisa e, desse modo, possibilitou apresentar essas narrativas ao público, que dificilmente seriam conhecidos sem essa intermediação. Levando-se em consideração esses aspectos, concluímos, em conformidade com Delgado (2006), que a História Oral configura um procedimento, um meio e um caminho – método e técnica para a produção do conhecimento histórico.

Acreditamos que o recorte temporal proposto nesta pesquisa precisa ser investigado com mais aprofundamento no que concerne a outros aspectos históricos da Educação Física no Pará. Nesse sentido, as instituições e os sujeitos apresentados podem demandar investigações futuras para, assim, permitir-nos interpretar melhor a área da Educação Física: a sua continuidade e transformações.

Futuros estudos devem investigar temáticas ainda pouco estudadas, como: os Jopágicos, as demonstrações de ginástica e as festas cívicas, a Ginástica Feminina Moderna, os Cursos Preparatórios a Exames de Suficiência em

Educação Física, a Educação Física no ensino primário e secundário, o papel do Serviço de Educação Física, do Defre e da Cades, entre outras instituições e espaços formativos.

Referências

Documentos

INICIA-SE hoje o curso de especialização em educação física. *O Estado do Pará*. Belém, 16 fev. 1961.

CURSO de educação física em Belém. *O Liberal*, Belém, 8 abr. 1958.

SHOW de muita graça e esplendor na abertura do VII JOPAGICOS. *O Liberal*, Belém, 16 ago. 1961.

XV jogos paraenses ginásio colegiais tem abertura solene hoje pela manhã. *O Liberal*, Belém, 1 set. 1969.

PREPARANDO professores de educação física. *Folha do Norte*, Belém, 28 jun. 1956.

CURSO de informações de educação física e esportes. *Folha do Norte*, Belém, 30 dez. 1964.

Bibliografias

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ANDRADE, Everardo Paiva de; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Em busca de tempos da experiência: história de vida, profissão e narrativas de professores na perspectiva educacional. In: Ernesto Paiva de Andrade; Juniele Rabêlo de Almeida (org.). *História oral e educação: experiência, tempo e narrativa*. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p. 13-40.

AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto de. *História da educação física no Brasil: currículo e formação superior*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013.

BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

BOSI, Éclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COSTA, Lamartine Pereira da. *Diagnóstico de educação física/desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Fundação Nacional de Material Escolar, 1971.

CUNHA, Luciana Bicalho. *A educação física desportiva generalizada no Brasil: princípios e sistematizações de um método de ensino em circulação (1952-1980)*. 2017. 261 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FIGUEIREDO, Priscilla Kelly. *A história da educação física e os primeiros cursos de formação superior no Brasil: o estabelecimento de uma disciplina (1929-1958)*. 272 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino. *O professor como profissional da educação*. In: FARES, Josebel Akel. *Memória de mestre: Belém antiga em narrativa de professores*. Belém: Paka-Tatu: EDUEPA, 2017. p. 133-149.

GAIO, Roberta. *Ginástica rítmica popular: proposta educacional*. 2. ed. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2007.

LOURDES, Luiz Fernando Costa de. *Antonio Boaventura da Silva: o professor e suas concepções sobre a educação física nas décadas de 1940-1970*. 2007. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de Oliveira. *Metodologias e técnicas de pesquisa em educação*. Belém: EDUEPA, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo - SP: Contexto, 2020.

MENEZES, José Américo Santos. Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe: uma possível história. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Espírito Santo: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998. v. 3, p. 153-179.

NEDIALCOVA, Guirga T.; BARROS, Daisy Regina. *ABC da ginástica*. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. *Educação física humanista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2010.

PEUKER, Ilona. *Ginástica moderna sem aparelhos*. 2. ed. Rio de Janeiro : Fórum, 1974.

SELLS, Sandra Escovedo; SANTOS, Tatiane Castro dos. A entrevista na pesquisa educacional, seus usos etnográficos e a perspectiva da história oral. In: ANDRADE, Everardo Paiva de; ALMEIDA, Juliene Rabêlo de (org.). *História oral e educação: experiência, tempo e narrativa*. São Paulo - SP: Letra e Voz, 2019. p. 65-86.

SOUZA JUNIOR, Marcílio. História da educação física escolar no Brasil. In: Terezinha Petrucia da Nóbrega (org.). *O ensino de educação física de 5^a a 8^a séries*. Natal: Paidéia, 2005. p. 13-32.

VILLELA, Heloisa A primeira Escola Normal do Brasil. In: NUNES, Clarice (org.). *O passado sempre presente*. São Paulo: Cortez, 1992. p. 17-42.

Entrevistas

CORRÊA, Eni do Perpétuo Socorro. *Entrevista 3*. [8 dez. 2019]. Entrevistadora: Carmen Lilia da Cunha Faro. Belém, 2019. Transcrição (7 páginas).

OLIVEIRA, Alberto Duarte de. *Entrevista 2*. [13 e 27 nov. 2019]. Entrevistadora: Carmen Lilia da Cunha Faro. Belém, 2019. Transcrição (23 páginas).

SOUZA, Vera Nazaré Cardoso de. *Entrevista 1*. [1 e 22 nov. 2019]. Entrevistadora: Carmen Lilia da Cunha Faro. Belém, 2019. Transcrição (26 páginas).

VON-GRAP, Armando Alcântara. *Entrevista 4*. [17 jan. 2020]. Entrevistadora: Carmen Lilia da Cunha Faro. Belém, 2020. Transcrição (9 páginas).